

## O Corpo como “Veículo de Ser” na Construção da Masculinidade

*Auriuar Fernandes Filho<sup>1</sup>*

### Resumo

O presente artigo buscou compreender o corpo como um veículo no ser na construção da masculinidade; para tanto, utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica, enfocando o método fenomenológico, trazendo autores que abordam a masculinidade, gênero, o estudo do corpo e, principalmente, por meio de uma visão merleau-pontyana; apontando os mecanismos utilizados através dos tempos – de modo resumido – pelos quais a masculinidade construiu-se pelo corpo e continua sendo construída, como um texto a ser lido pelo outro.

**Palavras-chave:** *Corpo; Masculinidade; Merleau-Ponty.*

### INTRODUÇÃO

O corpo foi utilizado, por artistas e estudiosos, como objeto de estudo e fascinação nas mais diversas áreas do conhecimento. Fatores como a estética e a busca da perfeição, serviram como base para tal encanto (ETCOFF, 1999; FLOR, 2010; SANTOS, 2011). As numerosas obras de arte, retratadas em quadros, estátuas, rascunhos e outros, mais do que trazerem à tona corpos e beleza, imprimiam do olhar do artista, significações simbólicas presentes em sua época (BRAS, 2001; ECO, 2004; SUDO & LUZ, 2010).

Assim, tais simbologias, carregadas de significações histórico-culturais, traziam consigo a questão de gênero, fazendo-se presente na identificação do que deveria ser estudado, ilustrado, pintado e/ou pesquisado; a Grécia aparece como um bom exemplo, pois o corpo masculino era extremamente valorizado, com suas formas e beleza, nas

---

<sup>1</sup> Bacharel em psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí e especialista em Gestão e Tutoria em Educação a Distância, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci; pesquiso educação a distância, gênero, masculinidade, beleza e atualmente sobre corpo. Atuo como tutor no curso de Gênero e Diversidade na Escola pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e como monitor no SENAC – EaD – SC.

estátuas e mitos (SENNET, 2001; OLIVEIRA, 2004; BARBOSA, MATOS, & COSTA, 2011).

Além disso, podemos apontar as mudanças ocorridas ao longo dos séculos: a transição do feudalismo para o renascimento e a posição do homem como o centro do universo; momento no qual, o corpo masculino serviu como base para estudos de grandes nomes, como Da Vinci e Michelangelo: na pintura, escultura e esboços (ROSÁRIO, 2006; FERNANDES FILHO, 2010).

Por consequência, esse lugar trouxe para o homem formas de controle rígidas quanto ao seu corpo - aqui, podemos citar não somente o espaço público, mas também o privado. Assim, podemos alargar essa percepção de corpo e adentrar nos sinais e esquemas classificatórios abordados por Bourdieu (1984) no qual expõe as origens e o curso de vida das pessoas manifestada no corpo, como exemplo: no modo de caminhar, postura, voz, altura, peso, etc.- trazendo-nos a questão social (im) posta num corpo individual.

Entrementes, a questão corporal serve também como um eixo norteador para a identificação de gênero e, mais ainda, para a masculinidade (ou masculinidades). Ao mesmo tempo, podemos apontar um caráter “classificatório”, na qual a masculinidade está dividida entre uma visão hegemônica - que necessita ser constantemente reafirmada e exibida - e uma masculinidade subordinada - utilizada como parâmetro para distanciamento – tema debatido por Connell (1997) e Almeida (1995). Na esteira desse pensamento, as questões ligadas ao comportamento (modo de falar, andar, atitudes frente às mulheres, crianças e até mesmo outros homens) têm a função de confirmar essa masculinidade hegemônica que segundo os autores supracitados, não será alcançada por nenhum homem.

Porém, pensando sobre a questão de gênero definida por Butler (2003) a respeito da ritualização de atos performativos aprendidos ao longo de nossas vidas - os quais definem a feminilidade ou masculinidade -, torna-se perceptível a compreensão dessa busca intensa de reafirmação da masculinidade, utilizando o corpo como respaldo.

Acrescentemos à discussão, o papel do corpo como um “texto a ser lido pelo outro” (FLORES, 2001) - para ser identificado por outras pessoas e, mais ainda a outros homens -, configurando-se como ponto para discutirmos: qual o papel do corpo como um veículo na construção da masculinidade? Que corpo é esse? E, mais ainda: como a exposição do corpo como texto a ser lido, pode reforçar e construir a masculinidade?

Para obtermos tais respostas, utilizaremos autores que abordam como temas: gênero, masculinidade, história do corpo e a utilização do mesmo na contemporaneidade; de igual modo, seguiremos através de uma leitura fenomenológica merleau-pontyana, descrita por Maurice Merleau-Ponty:

[...] o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade". É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma 'ciência exata', mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo "vivididos". É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer (MERLEAU-PONTY, 1994:1).

De modo mais descritivo, buscou-se uma leitura fenomenológica, que pretende retornar “às coisas mesmas” e, mais ainda “retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre *fala*” (MERLEAU-PONTY, 1994: 8), como um entendimento para alcançar uma “essência” do uso do corpo na construção da masculinidade – de modo ousado -, alavancando assim, questionamentos sobre a própria masculinidade bem como o lugar do corpo no universo masculino, como um “veículo de ser” masculino no mundo; e, ter um corpo “é para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (MERLEAU-PONTY, 1994: 122).

## MASCULINIDADE

Para a compreensão da utilização do corpo como norteador na construção da masculinidade e, mais ainda, como um texto a ser lido através da questão de gênero, faz-se necessário compreender a masculinidade e a construção social desta; abordando assim, a questão da temporalidade.

Assim sendo, a masculinidade como objeto e interesse de estudo tem sua origem no movimento denominado, feminismo (década de 60-70), que se configurou numa mobilização das mulheres e homossexuais, em função de vários elementos: transformação nos papéis e comportamentos sexuais, maior ostentação e preocupação com os problemas

vivenciados por estes e pela reivindicação de seus direitos civis (ARRILHA, MEDRADO & UNBEHAUM, 1998; BEIRAS & LAGO 2007; GIFFIN, 2004; SIQUEIRA, 2007).

Tais estudos tiveram como um de seus intentos, a revisão das teorias que relacionavam gênero e sexualidade, através de concepções, biologicista e essencialista, ao considerarem a subordinação feminina à masculina como natural, não podendo ser evitada; entretanto, ao estudo do gênero, foram sendo englobadas as questões históricas e culturais - o que trouxe grandes mudanças para os estudos da masculinidade (CECCHETO, 2004 *apud* SIQUEIRA, 2007).

Segundo Gomáriz (1992) desde a década de 70, já havia estudos que abordavam o tema da masculinidade, mas os trabalhos voltados para as mulheres ofuscavam esse processo inicial de pesquisa. Porém nos anos 80, surge um conjunto de estudos voltados para uma leitura sobre a construção social da masculinidade, produzidos por homens; mais do que isso, com o avanço das pesquisas, eclodiram diversos temas e abordagens teórico-metodológicas, agrupados como, *aliança com o feminismo* – os que reconhecem a base de sua investigação sobre masculinidade aliada aos avanços das teorias feministas - e os *estudos autônomos* – vinculados diretamente aos conceitos de gênero.

Entretanto, Oliveira (2004) informa-nos que os primeiros trabalhos foram: o livro *The Gang*, (Trasher, 1927) que investigou a delinquência juvenil e a pesquisa: *Street Corner Society* (White, 1943) averiguando os fatores que se relacionavam aos baixos rendimentos dos garotos – mesmo sem tratar diretamente da masculinidade. Este autor acrescenta ainda que nesta mesma época, surgiu nos Estados Unidos e Europa, o *men's movements* - grupos preocupados em despertar nos homens a consciência das prescrições sociais impostas ao universo masculino e as maléficas consequências sociais e psicológicas destes tipos de práticas sociais.

Com o passar dos tempos, estudiosos sobre masculinidade, adicionaram ao termo masculinidade um “s”, em função da “(co) existência de mais de um tipo de masculinidade, e que um mesmo sujeito pode pertencer simultaneamente a mais de uma modalidade de masculinidade” (ZAGO & SEFFNER, 2008). Mesmo porque, masculinidades são distintas formas de conceber a “hombridade” construída com o tempo por diferentes culturas e em épocas distintas (KIMMELL, 2005 *apud* VICENTE & SOUZA, 2006) cabendo perfeitamente a adição de uma pluralidade ao conceito, através das variadas formas de conceber o termo, por uma relativização de tempo e espaço em que foram construídas, prescritas e/ou impostas.

Ademais, a masculinidade pode ser definida através de linhas teóricas como o essencialismo (baseado no conceito universal da hereditariedade), o positivismo (através de uma estrutura única, a - histórica), normativo (define uma identidade padrão normativa), mesmo considerando as diferenças entre os homens e a semiótica (define-a através de um sistema de símbolos e a define como o não feminino); de sorte que se pode entender a masculinidade através de diversos olhares e perspectivas (CONNELL, Robert, 2005).

Por exemplo, Oliveira informa que a masculinidade:

[...] articula e constitui um dos estratos da região do *socius*, esse espaço-processual ou processo-espacializante dinâmico, intangível, mas efetivo, que compreende todos os objetos da vida social (agentes, leis, instituições, símbolos, valores, etc.), ao lado ou mesmo articulada a outros como nacionalidade, religião, profissão, grupos de status, posição de inserção social, região de origem, etnia, grupo de idade (OLIVEIRA, 2004:15).

Descreve-a não como algo concreto, mas processual na efetivação da constituição do sujeito.

De modo semelhante, Medrado igualmente utiliza o termo “masculinidades”- também definindo feminilidades, que em seu estudo sobre a masculinidade na mídia, definindo-a como:

[...] construções sociais que variam espacialmente (de uma cultura para outra), temporalmente (numa mesma cultura, através do tempo), longitudinalmente (no curso da vida de cada indivíduo) e na relação entre os diferentes grupos de homens de acordo com sua classe, raça, grupo étnico e etário (MEDRADO, 1997: 42).

Revelando assim, o processo de constituição da identidade masculina: através da cultura, tempo e grupos ao qual pertencem os homens. Adotaremos como referência para o presente trabalho, a definição apresentada por este autor, por conceituá-la através de uma pluralidade de modelos construídos socialmente através de tempo e espaço, interagindo com uma diversidade de grupos de homens.

## **O CORPO**

Ao falarmos do corpo, pensamos imediatamente a respeito de uma visão fisiológica (órgãos, sistemas, etc.); porém, entende-se o corpo também, como uma construção social e, por conta disso, uma percepção sociológica, pois segundo Souza (2008: 6) o corpo é “um

construto cultural especialmente rico em simbologia [...] emerge como um dos principais instrumentos a serviço do homem na produção de sentidos”.

Ainda assim, Almeida descreve ser o corpo:

[...] o lugar de representação da própria “alma” – com se tornou evidente na cultura da fotografia e do retrato –, da posição social, do gênero, da saúde e da doença, da inclusão e da exclusão. Ele é o suporte para formas de vestir, de tratar e domesticar o corpo – através do exercício, da intervenção cirúrgica, da manipulação dos cabelos, da maquiagem, etc. (2004: 12).

A partir de tais conceitos, podemos ainda - e principalmente - refletir sobre a concepção de Merleau-Ponty, ao dizer-nos que o ser humano é definido pelo corpo, de modo que a subjetividade está associada aos processos corporais (*apud* NOBREGA, 2000); entretanto, o autor descreve que tomar o corpo como forma não é profícuo para compreender a existência, sendo necessário “considerar a intencionalidade do corpo em suas relações com o meio, a experiência originária criadora de significações” (1999 *apud* MARTINI, 2006: 33).

A concepção de Merleau-Ponty a respeito do corpo difere do discurso linear, no qual propõe um conjunto de “partes distintas entre si”, buscando a necessidade de “reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é um pedaço de espaço, um feixe de funções, que é um entrançado de visão e movimento” (1997: 19); entretanto, cumpre acrescentar que conforme nos esclarece Nóbrega a respeito da noção de corpo de Merleau-Ponty (2000: 6): “o corpo não é coisa, nem ideia, é movimento, sensibilidade e expressão criadora”.

Assim, Merleau-Ponty em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, descreve que o corpo não é um mero organismo, mas sim, um “corpo vivido”, como um veículo do “ser no mundo” que “experimenta suas intenções em ações, ligado existencialmente ao mundo” (MARTINI, 2006: 34); com isso, deve-se compreender a intencionalidade desse corpo, através da direção além do pensamento, ou seja, para uma prática, como um corpo “que percebe, age no mundo e adquire um saber próprio corporal, à medida que visa coisas sob determinada perspectiva e se expressa nas situações” (p. 36).

Entrementes, compreender a relação desse corpo como veículo que transita no mundo de significados e símbolos, faz-nos compreender que “o homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação” (DAOLIO, 1995: 39). Nesse sentido, há um processo de



emaranhamento do corpo com o mundo, no qual “o corpo próprio habita o mundo em vizinhança com as coisas e é de acordo com uma situação que os significados se fazem” (MERLEAU-PONTY, 1994 *apud* ALVIM, 2011: 232).

Mais do que isso, conforme nos mostra Martini:

[...] o corpo, para Merleau-Ponty, é o “meu ponto de vista sobre o mundo”, ele é fonte de sentido das coisas no mundo, cria significações, é o lugar em que a existência assume certa situação, tendo em vista as tarefas que visa realizar, que fornece os sentidos para a atitude corporal (MARTINI, 2006: 34).

Contudo, prossegue a autora citando que “o corpo, compreendido à luz do fenômeno da percepção, é concebido como um núcleo de significações, “lugar” da produção de sentido para aquilo que é vivido como atividades intencionais” (p. 37).

## 0 USO DO CORPO NA CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE

Com isso, cumpre compreender como e, a partir de quais mecanismos se constroem essas masculinidades, bem como a utilização do corpo na formação do ideal de masculinidade a ser seguido pelos homens. Além disso, apontar como o corpo - como um “veículo” carregado de significados -, transitou nas mais diversas épocas.

Partindo disso, Oliveira (2004) realizou um estudo sobre a construção social da masculinidade, utilizando as pesquisas de autores como George Mosses e Nobert Elias, para esboçar o processo de construção da mesma, lado a lado com as instituições que influenciaram de forma direta e/ou indireta para a modelação do que chama de “ideal de masculinidade”. Atenta ainda para o fato de que esse mesmo ideal de masculinidade, estudado a partir da época medieval, estaria associado a comportamentos de cunho moral, como: lealdade, probidade, correção, coragem e perseverança, que se transformaram em comportamentos despojados de um caráter de violência ostensiva<sup>2</sup>.

Ademais, elucida igualmente que na passagem do século XIX para o XX, a honra possuía um valor exacerbado – acima das questões morais – e que, o início do século XX foi assinalado como expansionista para a colonização europeia, em busca de novos

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar que a Formação dos Estados Modernos e a instituição de exércitos influenciaram diretamente tal processo de construção, pois a bravura e destemor foram substituídos pela devoção e heroísmo frente à dor, morte e ao sacrifício na luta e defesa da nação a que os homens pertenciam, pulverizando tais comportamentos como típicos da masculinidade, na qual poderia haver uma “imbricação entre militarização, nacionalismo e masculinidade” (OLIVEIRA, 2004, p. 27) - meio pelo qual o Estado alcançou todos os segmentos e classes sociais.

mercados na África e Ásia; nesse período, grandes nações se valeram de movimentos (como o Nazismo, Fascismo e Socialismo<sup>3</sup>) para disseminar nos jovens características tidas como autenticamente masculinas, no qual o corpo possuía um valor exacerbado, tais como: obediência, disciplina, orgulho, corpo viril - alcançado por meio de esportes e exercícios físicos -, um espírito belicoso e patriota.

Outras instituições são apontadas por Oliveira (idem), como constituintes na utilização do corpo e na formação do ideal de masculinidade. Por conseguinte, cita que a influência religiosa serviu como base para sustentar e propagar atitudes de controle e moderação sobre as paixões e a sexualidade (essenciais para a figura paterna que convinha estar ao lado da família), que por sua vez separou as funções masculinas (subjugadoras), das femininas (que eram submissas); ressaltou também o lugar da ciência nesse processo, pois suas descobertas favoreciam e legitimava a superioridade androcêntrica, apontando como desviante “os insanos, negros, judeus, homo-orientados e todos os que não se encaixavam de maneira adequada no ideal burguês de masculinidade” (p. 56), reforçadas pela lei que facilitava a hierarquia de poder masculina frente aos homo-orientados, às mulheres e as crianças, através da instituição de leis, como por exemplo, o código napoleônico<sup>4</sup>.

Dentro dessa perspectiva Bourdieu (2005), expõe essa construção da masculinidade a partir de seus estudos sobre a dominação masculina através de uma socioanálise do olhar masculino dos berberes da Cabília<sup>5</sup>. Para explicitar essa relação de dominação, o autor utiliza-se do termo *habitus* que segundo Setton (2002, p.4), define-o como:

[...] um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano.

---

<sup>3</sup> O Nazismo apregoava nos jovens alemães um apelo ao sacrifício, lealdade, disciplina, obediência e coragem, como típicos da masculinidade. O Fascismo pregava coragem para uma vida menos sentimental, sóbria, intensos exercícios físicos, que possibilitariam um corpo rígido – símbolo de virilidade – exacerbando, força e vigor, como sinônimos de masculinidade. O Socialismo defendia um guerreiro que deveria ser herói e obediente aos seus superiores, entretanto, as questões morais eram amplamente defendidas e a permissividade não era tolerada.

<sup>4</sup> O artigo 213, do Código Napoleônico prescreve que o homem deve à sua mulher proteção e que esta lhe deve respeito e obediência (ibdem).

<sup>5</sup> “Região montanhosa do norte da Argélia que engloba várias províncias: todo o território de Tizi Ouzou e Bugia, a maior parte de Bouira (Tubiret) e Bordj Bou Arreridj, e partes das províncias de M'Sila (Tamsilt), Jijel, Boumerdes e Setif; foi escolhida pelo autor por representar uma tradição compartilhada por toda área cultural européia, haja vista ser denominada por Bourdieu como uma constituição paradigmática da tradição mediterrânea” (p. 14, idem).



E mais, que o *habitus* é uma “subjatividade socializada” (BOURDIEU, Pierre, 1992 *apud* SETTON, Maria, *idem*). A respeito disso, cabe ressaltar que estes esquemas de percepção, tomam como referência a divisão entre os sexos, por meio da diferenciação biológica (anatomia) dos corpos, masculinos e femininos (bem demarcados do que é masculino e do que não o é) que justifica uma diferenciação social dos gêneros, através da divisão do trabalho e atividades.

Como parte da incorporação dessa dominação (que tomamos como construção social da masculinidade), os ritos de instituição da masculinidade, como por exemplo: a circuncisão e os de separação - este último tem por finalidade tornar o menino independente de sua mãe, preparando-o para enfrentar o mundo externo. Dessa forma tais ritos realizam simbolicamente – de um modo eficaz – a distinção sexual e as práticas que devem orientar seu sexo (*habitus* masculino), voltados para a virilidade – apreendida como capacidades social, sexual e reprodutiva, possibilitando o exercício da violência – e, além disso, perpassando a questão corporal com a finalidade de reforçar a masculinidade, por meio de jogos, esportes e caça - organizados pelo grupo ao qual fazem parte -, voltados para a busca de uma identidade sexual própria (BOURDIEU, 2005).

Ainda com relação a esses ritos, Oliveira (2004, p. 258) marca que o efeito a ser considerado é a modificação na própria representação de seus agentes (meninos) e que estes irão orientá-los “a tomar atitudes que ele passa a considerar válidas para o status que sua imagem deve projetar, dando-lhe um lugar social válido”. Dessa maneira, trará profundas modificações sobre suas próprias atitudes e comportamentos, por meio da ordem simbólica, que demarcará a diferenciação entre os sexos.

Entretanto, cumpre compreender que esta ordem simbólica está inscrita num corpo físico, o qual possibilitará uma leitura para que outras pessoas possam vê-los não mais como “meninos” e sim como “homens feitos”, seja pela mudança física/hormonal ou pelos próprios ritos de iniciação, que muitas vezes utiliza-se de instrumentos violentos para destituir do menino qualquer tipo de sentimento e/ou afeição.

Contudo, Flores (2001) em seu artigo intitulado “*Para los hombres, las heridas son flores*”: *Cuerpo, trabajo e y memoria en Pindal*, descreve o lugar do corpo como forma de simbolizar a questão da diferenciação de gênero para aquela determinada sociedade no Equador; assim, segundo a autora, o uso do corpo e conhecimentos sobre técnicas agrícolas, permite que os homens dessa comunidade, denominada Pindal, construam sua masculinidade e sejam visto por outros - através do seu corpo -, como um texto a ser lido e

reconhecido como masculino; as mãos feridas serviriam como uma espécie de honra pela qual não só os homens poderiam se reconhecer e serem reconhecidos por toda a comunidade como masculinos e, conseqüentemente, não femininos ou feminilizados.

Ademais, nas palavras da própria autora: “pues encarna la esencia del trabajo de los hombres de Pindal y es, además, el constructor de la identidad de los *pindaleños*” (Ibid. p.32). Neste caso, o corpo se submete ao trabalho, como um modo de poder expor a masculinidade/virilidade/força inscrita num corpo a ser visto e lido pelo outro, como um texto, constantemente, a masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995).

Destarte, pensar sobre a masculinidade como modo de ser no mundo por meio do corpo, remete-nos a refletir igualmente sobre a metrosssexualidade, que segundo Tenório & Pinto (2005) surgiu a partir de uma associação com as palavras, heterossexual e metropolitano; utilizado pela primeira vez pelo colunista e escritor, *Mack Simpson* em nov. de 1994, no jornal inglês, *The Independent*, para caracterizar o homem do século XXI. Estas o definem como um fenômeno, uma “nova corrente” do comportamento masculino e um novo gênero masculino, caracterizando-o através das atividades que realiza como: gosta de cozinhar, ir ao salão, preocupar-se com a estética, além de ser bem sucedido e sensível (símbolos dessa corrente).

As autoras supracitadas ilustram também exemplos atuais como: David Beckham (primeiro homem a ser identificado como tal); brasileiros como o publicitário, Roberto Justus e o jogador, Alex Alves, do time de futebol do Atlético Mineiro; servem e serviram como fonte de identificação para outros homens, não somente para atender a um comércio da estética e beleza, mas uma forma de demonstração da masculinidade em sua historicidade, presente num corpo voltado para a beleza, cuidados e aparência que é “a expressão de uma conduta e, ao mesmo tempo, criador de seu sentido a partir de uma intenção que se esboça e reclama sua complementação” (FURLAN & BOCCHI, 2003, p. 449).

A partir de tais prerrogativas, pensar na masculinidade e, também no gênero como uma repetição estilizada de comportamentos, segundo Butler (2003), remete-nos a refletir sobre a os gestos corporais trazidos por Merleau-Ponty, pois essa repetição tomada pelos homens por meio de outro homem – seja pai, tio ou alguém como um modelo a ser seguido -, percebe-se uma retomada por “um ato de compreensão, cujo fundamento nos remete à situação em que os sujeitos da comunicação – eu e o outro – estão mutuamente envolvidos em uma relação de troca de intenções e gestos” (FURLAN & BOCCHI, 2003, p. 448), de

modo mais claro, “Tudo se passa como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu” (MERLEAU-PONTY, 1945/1994, p. 251).

Não somente isso, mas refletir sobre essa repetição estilizada de comportamentos traz à baila, questionamentos sobre as palavras de Merleau-Ponty (*apud* FURLAN & BOCCHI, 2003, p. 449) “eu só consigo compreender a intencionalidade do outro – e sua atitude para comigo – porque através do meu corpo posso torná-la minha”: estariam os homens, em seus gestos e atitudes “masculinas e/ou de machos” intencionalmente expressando em seus gestos: sou homem e, com isso, aguardando uma “complementação”? E mais ainda, dos homens que veem: posso ser esse homem, porque meu corpo espera e pode ser como esse? Ou seja, a percepção do corpo, como “sou meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 1994) reforça o entendimento de que a masculinidade (aqui apontamos a identidade de gênero, ou o ser homem) se expressa por meio corpo, ou, de modo mais preciso: sou homem porque tenho um corpo e posso expressar-me, por meio dele!

De modo mais descritivo, pensar nesses comportamentos, alude ao fato de que estes “criam significações que são transcendentais em relação ao dispositivo anatômico e, todavia imanentes ao comportamento enquanto tal, já que este se ensina e se compreende” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 256); ou seja, os comportamentos “naturalizados” como masculinos pressupõem uma necessidade de aprendê-los e repeti-los, haja, vista, serem carregados de signos da masculinidade.

Por conta disso, a compreensão do uso do corpo na construção da masculinidade traz à possibilidade de correlacionarmos a motricidade – como principal referência da experiência do corporal, como citado por MERLEAU-PONTY, (1994 *apud* NÓBREGA, 2000, p. 7-8) -, haja vista:

[...] a experiência do corpo em movimento ajuda-nos a compreender os sentidos construídos artificialmente, pelos conceitos, pela linguagem, pela cultura de um modo geral. Pelas diferentes possibilidades de expressão corporal podemos compreender a indeterminação da existência, possuindo vários sentidos, elaborados na relação consigo mesmo, com o outro, com o próprio mundo.

Dito de outra forma, o entendimento da motricidade e uso do corpo pelos homens na história, demonstra de modo claro, a expressão dos sentidos elaborados pelas culturas e modo como a masculinidade deveria ser simbolizada, repetida e exibida como um texto a ser lido pelo outro.

Por conta desse modo de utilização do corpo como forma de expor a masculinidade desde o período feudal até o momento atual por meio de rituais ou mesmo por repetição – como um projeto e/ou uma intenção a ser realizada ou uma possibilidade de ser no mundo – ; tal uso propõe como finalidade: representar ou reforçar uma masculinidade (aqui podemos dizer, corporal); remetendo-nos a compreensão das palavras de Merleau-Ponty (1945/1994, p.121) sobre o corpo, no qual trata que este “é um veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos, e empenhar-se continuamente neles”; dito de outra forma, um projeto a ser seguido pelo crescente desejo em seguir e ser reconhecido como masculino (não homossexual) no mundo, sem necessariamente chegar nesse projeto pela impossibilidade de alcançá-lo, conforme cita Almeida (1995).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo ao longo dos séculos foi foco de atenção e admiração por diversos pensadores, artistas e estudiosos pelos fatores: estética, perfeição, etc. Tal admiração serviu como base para que o homem pudesse ver seu corpo como um texto a ser lido e identificado por outras pessoas e outros homens, as características de sua “masculinidade”.

Não somente um texto, mas um veículo que transitou por diversas épocas, retratado por força, coragem, bravura, etc., usado para fins militares, esportes físicos, ou simplesmente por ritos de iniciação, considerados de essencial importância para abandonar a infância e galgar uma maturidade masculina.

Percebeu-se que muitos dos comportamentos “naturalizados” como masculinos pressupunham uma necessidade de aprendê-los e repeti-los por meio do corpo – a fim de não se perderem nos modos de ser masculino – ou mais ainda, emprestar o corpo ao mundo, emaranhar-se com ele e ser masculino, numa constante.

Mais do que isso, esse mesmo corpo configura-se como um núcleo de significações, agindo e recebendo ações no mundo - e por ser carregado de significados - transmitindo por meio da intencionalidade (atos, fala, postura) a masculinidade a ser constantemente reforçada e reiterada (ALMEIDA, 2005; BUTLER, 2003).

Com isso, cabe considerar o lugar do trabalho como fator de grande consideração no uso do corpo nessa construção da masculinidade, haja vista, o papel do homem na formação e manutenção das famílias ao longo dos tempos.

Assim, usado o termo “veículo de ser no mundo”, vale salientar que, carregado de significações, as questões sociais atravessaram esse corpo e puderam intencioná-lo sobre novos modos ou modelos de ser homem ou novas masculinidades. Daí, citamos o homem metrosssexual e *uberssexual*, com seu modo de vestir-se e exhibir-se ao mundo, tratado e reiterado pela mídia, como um novo modo de ser masculino no mundo atual.

Contudo, a motricidade e as expressões corporais serviram como formas de utilizar o corpo como um texto a ser lido pelo outro e não ser confundido com o feminino; mais do que isso, um modo de mostrar ao mundo que “sou o meu corpo”, logo masculino; complementado sempre por outros textos lidos (corpos) e aprendidos, como também reiterados ao longo do tempo de vida de cada homem; um veículo a transitar nas diversas arenas da vida para construir a masculinidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder; revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, 95: 161-190.

\_\_\_\_\_. O manifesto do corpo. *Revista Manifesto*, 5: 17-35, 2004.

\_\_\_\_\_. O corpo na teoria antropológica. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 33: 49-66, 2004.

ALVIM, Mônica Botelho. O lugar do corpo em Gestalt-Terapia: dialogando com Merleau-Ponty. *Revista IGT na Rede*, v. 8, nº 15, p. 228-238, 2011.

ARILHA, Margareth (Org.); RIDENTI, Sandra Unbehaum. (Org.); MEDRADO, Benedito (Org.). *Homens e Masculinidades: outras palavras*. 1. ed. São Paulo: Ecos/Editora 34, 1998.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, 23 (1): 24-34, 2011.

BEIRAS, Adriano; LAGO, Mara Coelho de Souza. “Os encontros e desencontros entre o ser homem e o ser pai em sujeitos de camadas populares de Florianópolis”. In: XIV Nacional da ABRAPSO, 2007, Rio de Janeiro. *Diálogos em Psicologia Social - Epistemológicos, metodológicos, Éticos, Políticos, Estéticos, Políticas Públicas*, 2007.

BOURDIEU, Pierri. *Distinction: a social critique of the judgment of Taste*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

\_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. [tradução Maria Helena Kühner]. – 4ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRAS, Gérard. *Hegel e a arte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* [Tradução: Renato Aguiar]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTAÑEDA, Marina. *El machismo invisible*. México: Grijalbo, 2002.

CECCHETO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CONNELL, Robert. “La organización social de la masculinidad”. In.: TERESA, Valdés; OLAVARRÍA, José (editores). *Masculinidad es: poder y crisis*. Isis International: Chile, 1997, p. 31-48.

\_\_\_\_\_. “Políticas de masculinidade”. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: editora da UFRGS, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. 8 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

ECO, Umberto. *História da Beleza*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.



- ETCOFF, Nancy. *A lei do mais belo: a ciência da beleza*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- FERNANDES FILHO, Aurivar. “Breve histórico da beleza masculina”. *Modapalavra E-periódico*, ano 3, nº 6, jul-dez 2010, pp. 59-79.
- FLOR, Gisele. “Beleza à venda: o corpo como mercadoria”. *Revista Eletrônica da Pós-Graduação da Cásper Líbero*, v. 2, p. 1-10, 2010.
- FLORES, Alexandra Martinez. “Para los hombres, las heridas son flores”: cuerpo, trabajo y memoria em Pindal. In.: ANDRADE, Xavier; HERRERA, Gioconda (editores). *Masculinidades en Ecuador*. Quito: *FLACSO*, Ecuador, 2001.
- FURLAN, Reinaldo; BOCCHI, Josiane Cristina. “O corpo em Merleau-Ponty”. *Estudos de Psicologia*, 2003, 8 (3), 445-450.
- GIFFIN, Karen. “A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuição de um sujeito histórico”. In.: *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1): 47-57, 2005.
- GOMÁRIZ, Enrique. “Los estudios de género e sus fuentes epistemológicas: periodización y perspectivas”. *Ediciones de las mujeres*, Santiago: Isis Internacional, nº 17, p. 83-110, dez. A992.
- HEGEL, George Friedrich. *Cursos de Estética*. Volume III. São Paulo: Edups, 2002.
- KIMMEL, Michael. *Assault on gay America: interviews: Michael Kimmel. Be more PBS*. < <http://www.pbs.org>. >. Acessado em: 1/06/2012.
- MARTINI, Oneide Alves. *Merleau-Ponty: corpo e linguagem: a fala como modalidade de expressão*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2006.
- MEDRADO, Benedito Dantas. *O masculino na mídia: repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva nacional*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção* (Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 1994(Texto original publicado em 1945).

NOBREGA, Terezinha Petrucia. “Merleau-Ponty: o corpo como obra de arte”. *Princípios UFRN*, Natal, v.7, n. 8, p. 95-108, jan./dez., 2000.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG: Rio de Janeiro, IUPERJ, 2004.

ROSÁRIO, Nísia Martins. *Mundo contemporâneo: corpo em metamorfose*. 2004.

<[http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia\\_semiotica/conteudos/corpo.htm](http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia_semiotica/conteudos/corpo.htm)>.

Acessado em 23/03/2012.

SANTOS, Lionês Araújo. “Corpo, mídia e mercado: o corpo objeto de discurso publicitário”. *Revista E-com*, v. 4, n.2, 2011.

SENNET, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. São Paulo: Record, 2001.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. “A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea”. In.: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, v. 20, n. maio/ago, p. 60-70, 2002.

SIQUEIRA, Elton Bruno Soares de. *A crise da masculinidade nas dramaturgias de Nelson Rodrigues, Plínio Marcos e Newton Moreno*. Tese (Doutorado em Literatura) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

SOUZA, Emilene Leite. “Transformando corpos em pergaminhos: a tatuagem como dispositivo de comunicação/identificação”. *Intercom*. In.: X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - São Luis, MA, 2008.

SOUZA, Luiza Monteiro. “Dança e educação”. *Ensaio Geral*, Belém, v. 1, n. 2, jul/dez. 2009.

SUDO, Nara; LUZ, Madel Therezinha. “Sentidos e significados do corpo: uma breve contribuição ao tema”. *Revista Ceres*, v.5, p.101-112, 2010.

TENÓRIO, Bartira Lins; PINTO, Raphaella Araújo. *O fenômeno metrossexual: o papel da publicidade na construção de um novo modelo de homem*. <[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1093-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1093-1.pdf)>. Acessado em 18/01/2012.

VICENTE, Domith. Daniel.; SOUZA, Lídio. “Razão e sensibilidade: ambigüidades e transformações no modelo hegemônico de masculinidade”. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 8, p. 1, 2006.

ZAGO, Luis Felipe.; SEFFNER, Fernando. “Masculinidades disponíveis.com: sobre como dizer-se homem gay no ciberespaço”. In.: VIII Seminário Internacional Fazendo Gênero - Corpo, violência e poder, 2008, Florianópolis. *Anais do 8º Seminário Internacional Fazendo Gênero: corpo, violência e poder*. Florianópolis: Editora: Mulheres, 2008.